

Tanta gente; Banho de Cheiro; nº 03

Helenice Nazaré da Cunha Silva *

I

Biografia

Eneida Costa de Moraes nasceu em Belém do Pará a 23 de outubro de 1903. Formou-se em Odontologia.

Sua vocação literária fez com que colaborasse nos periódicos, jornais diários e revistas.

Escreveu contos, poemas e crônicas. Publicou seu primeiro livro em 1930. Eram poemas que tematizavam a realidade amazônica, obra chamada de "Terra Verde".

Transferiu-se para o Rio de Janeiro, e participou ativamente dos movimentos políticos de 1934 e 1936, participação esta que acabou levando-a às prisões. Na prisão escreveu o livro de contos "O Quarteirão".

Faleceu em 1971, no Rio de Janeiro. Seu corpo foi sepultado em Belém do Pará, como desejava.

Algumas obras publicadas: "Paris e outros sonhos" - 1951; "Sujinho da Terra" - 1953; "Cão da Madrugada" - 1954; "Aruanda" - 1957; "Banho de Cheiro" - 1963, entre outros.

II

A Crônica

A Crônica, enquanto gênero literário, tem um caráter, que embora apoiada em fatos reais, transforma a realidade do dia-a-dia em fantasia, e o faz pela força da poesia. Volta-se para fugacidade do cotidiano, criada do improvisado às respostas imediatas que suscitam suas recordações. Assim, as crônicas de Eneida são, na verdade, recordações de uma criança feliz, de fatos que lhe marcaram a infância, impressões permeadas por um saudosismo lírico, de um "eu" distante.

Ao relatar acaba por delatar-se, ou seja, tece considerações ao comparar, sempre, o presente com suas memórias vividas. Usando uma linguagem simples, despreocupada, em que se observam descrições alegres da vida ou o relato caprichoso dos fatos, o retrato de certos tipos humanos, da ambiência regional, ou mesmo o mero registro, onde tudo é motivo de experiência e reflexão.

Eneida apresenta, ainda, em suas crônicas, um tom poético de saudosismo. É sempre através de

recordações, motivadas ou não, que traz para o presente sua terra natal, Belém do Pará, apresentando sua gente com suas crenças e símbolos, através de uma linguagem simples, com tom coloquial, com ambiência claramente regional, como se estivesse conversando com um leitor virtual.

Apresenta, ainda, neste tom saudosista, uma crítica de valores "tão queridos de sua infância", que foram abandonados e/ou esquecidos pelos que aqui ficaram.

Assim, Eneida recorre as suas memórias para traçar os comentários, impressões e descrições de Belém, de suas ruas, praças, de uma Belém antiga e mais moderna.

III

Crônicas

1 - Tanta Gente

Nesta crônica Eneida traz à tona suas recordações de criança feliz incapaz de entender as desgraças alheias. Fazendo percorrer aos olhos do leitor uma "galeria de tipos", que vivem à margem da realidade. Há aqui, indagações que não foram respondidas, sua curiosidade está em querer saber o que levou aquelas pessoas a viverem limitadas, segundo a narradora: "além da fronteira da razão"; percebe-se uma leve angústia de Eneida em querer entender aquela gente tão alheia à realidade, ou seja, os loucos? Por quê? Não responde.

Observem os tipos que Eneida apresenta em Tanta gente.

"Diabo atrás da saia"

"O 'Diabo atrás da saia' era uma negra alta, magra, de pernas finas e tuíras. Sempre com um guarda-chuvas (...). Andava sempre espantando o diabo, que a perseguia (...). 'Diabo atrás da saia' teria uma estória de mocidade e de vida. Quem fora, onde vivera? Foram perguntas que se impuseram mais tarde; (...) eu me divertia apenas a alcinha da velha, indiferente a seu sofrimento..."

(página 41)

"Burra Cega"

"Cega de um olho, pequenina, andando sempre depressa, muito depressa (onde iria assim?)" (página 41)

"Tainha"

"Tainha monologando e muitas vezes parando para abrir os braços num gesto de desespero." (página 41).

"Madame urubu" -

"Passava 'Madame Urubu', toda de branco, duas trouxas nas mãos. Mais serena que as outras, talvez menos desgraçada. (...) é como muita gente que conheço. Nunca sabe onde está, onde fica, para onde vai. Madame Urubu podia ser um símbolo." (página 42).

(Atente para o contraste entre o nome Urubu e a cor da roupa da mulher, talvez o caráter simbólico esteja aí representado, apesar de ser "pássaro" é, no entanto, urubu, pássaro que vive de restos, restos de vida, de lembranças obscuras que permeiam o imaginário desta personagem.)

"Laurista"

"Havia ainda a 'Laurista', criatura baixa, roliça, que - diziam - o álcool perdera. Desta sabíamos que era assim chamada porque seu ídolo político era o Dr. Lauro Sodré. Naquela época o momento a política paraense fervilhava em torno do velho general republicano." (página 43).

"O Capenga"

"... o capenga sempre bêbado cantando pelas ruas com voz pastosa: - Toda mulher têm papo, toda mulher tem papo, pô, pô, pô..."

(...) Que razões teria para defender com tanto ardor uma tese que depois dele nunca mais encontrei enunciada por nenhum outro autor? (página 45).

"O Peixeiro"

"Havia ainda o peixeiro que até o meio-dia vendia peixe e camarão; (...) Mas como em cada botequim que encontrava, um apelo lhe surgia e uma pinga era tomada. Às doze horas desaparecera o honrado português das primeiras horas da manhã. Agora era um êbrio..." (página 45).

"O Arantes"

"Mas a figura mais bela, aquela jamais esquecerei (...) era a mulher chamada Arantes. (...)

Que acontecera em sua vida para ficar assim magrinha, a cabeça toda branca e aquele terrível medo do vento, a quem chamava de Arantes? (...) Os homens podiam ir e vir; não deviam temer o Arantes, eram seus iguais. Mas as mulheres, essas, precisavam de defesa, fosse qual fosse a idade deviam defender-se dos perigos do Arantes. (...) - Ele é traiçoeiro, muito traiçoeiro - dizia." (página 46).

(Atente, segundo a autora: "Arantes, aquela ventania amazônica diária trazendo cheiro de maresia, lembranças, era pai de todos os filhos, sedutor de donzelas" para uma possível decepção amorosa no passado da personagem).

Nota-se que Eneida traça um perfil de pessoas que estão fora dos padrões considerados "normais" pela sociedade: são os desgraçados. Este fato é que causa angústia em Eneida, ou seja, quais foram os motivos que levam tanta gente a perder o objetivo de vida?

"Lá vão eles arrastando trapos, descalços uns, mal calçados outros, vozes grutais em alguns, aqui e ali vozes claras, figuras físicas diversas, homens e mulheres, gordos e magros, todos vivendo além da fronteira da razão." (capítulo 48).

2 - Banho de Cheiro

Longe de Belém, durante os festejos de São João, no Rio de Janeiro, ao ouvir o barulho: "ensurdecedor das 'cabeças-de-negro' e dos 'buscapés' (não serão bombas atômicas?) que me levaram a evocar o São João de minha infância". Relata os "rituais" do dia de São João em que eram feitos "banhos cheirosos" onde se misturavam ervas perfumadas da Amazônia. Recorda também as receitas de Sabá, que sempre tinha uma erva para cada "conflito pessoal a ser resolvido".

E dentro desta crônica revela os traços culturais que marcam Belém, os costumes populares e festejos daquela época. Há também um tom melancólico e de crítica aos governantes que deixaram Belém miserável.

"... São João e eu somos tão íntimos: em minha terra, na longínqua e amada cidade de Belém, há uma prática extremamente bela e perfumada, que se chama o banho de cheiro ou banho da felicidade (...) A receita é simples (...) Tomai de uma lata de banha bem limpa. Dentro dela, com bastante água jogai folhas, raízes, madeiras cheirosas da Amazônia que, raladas, esmagadas - verdes pela juventude ou amareladas pela velhice - darão, depois de fervidas, um líquido

esverdeado, com estranho perfume de mata virgem." (página 69/70).

"Mas quero falar é da outra, a do banquinho, e a seus pés um mundo de plantas, raízes (...). Chamava-se Sabá e foi uma das pessoas mais estimadas de minha mocidade. Contava-me histórias maravilhosas do mundo vegetal, histórias que depois dela não mais encontrei em nenhum livro, em nenhum pedaço da vida." (página 73).

"Narra casos excepcionais: sua prima um dia fora largada do marido. Coitada, cheia de filhos. Sabá preparava um banho com batata de vai-volta. Terminava assim:

- Foi dito e feito. Estão felizes, muito juntos."

"Não posso assegurar que o mesmo quadro passado se reproduza hoje na cidade onde nasci. Ela mudou muito; é agora uma triste envelhecida cidade, arrasada pela miséria e os maus governos" (página 76).

(Atente para a crítica que faz aos governantes)

"A primeira vez que voltei a Belém, depois de quinze anos de ausência, procurei Sabá. Morrera havia muito - disseram - e infelizmente não deixara a receita de nenhuma erva que de à gente de minha terra um pouco de dinheiro." (página 76).

(Atente para o tom irônico deste trecho, considerando o anterior)

3 - Crônica nº 3

Faz pequeno relato comparando a Belém de sua infância com a que encontra durante uma de suas visitas. Recorda de sua professora D. Hilda, que através das aulas sobre o Pará ia revelando a Eneida a paisagem, fatos históricos e traços culturais de Belém. Porém, estas referências são comparadas às da atualidade, ou seja, o momento de sua visita a sua cidade natal. E a partir desta comparação traça críticas sociais aos seus governantes que a deixaram abandonada.

"A professora chamava-se D. Hilda (...) E D. Hilda ensinando: 'O Pará limita-se ao norte com as Guianas...' (...) Olhava o mapa. Que me importava a existência das Guianas? O amor mesmo era o rio Amazonas (...) O Amazonas e meu pai contando lendas:

o boto, que nas noites claras se transformava em homem para seduzir donzelas, de calça branca e paletó preto; a Iara chamando homens e mulheres para o fundo do rio; a boiúna viajando como um grande navio iluminado; o uirapuru anunciando felicidades." (página 214).

(Atente para as lendas citadas revelando o imaginário do Paraense. Observe que o uirapuru anuncia a felicidade, tente associar à música de Waldemar Henrique "O uirapuru", em que o caboclinho de posse do uirapuru conta vantagem a outro viajante, que deseja também compartilhar daquela felicidade).

"S. Jerônimo, Dr. Moraes, só em Belém Deodoro é generalíssimo (o exagero amazônico); rua de minhas intimidades; as casas coloniais altas, com azulejos tão belos, pesadas, cheias de janelas, sacada de ferro trabalhadas, todas falando da Belém colonial. E as manguieiras encarregando-se de dar sombra, faceiras sempre, tão faceira que adoram a chegada de outubro, momento em que a prefeitura manda pintar de branco seus troncos. Sempre desejaram ser baflarinas as nossas manguieiras; é o que sinto nelas desde menina." (páginas 216/217).

"Quinze anos passei sem ver Belém, a não ser em minhas constantes, imaginárias viagens. Quando realizei o desejado encontro, em 1945, encontrei-a morta, terrivelmente morta. A miséria comendo de rijo aquelas carnes morenas; capim crescendo livremente nas ruas e nas praças, cobrindo espadas de generais e corpos de mulheres nuas: as estátuas da Praça Batista Campos. Jardim abandonados, sem canteiros nem flores. Luz não havia e as noites eram mais tristes, se bem que tivessem ainda a acariciá-las o céu sempre cheio de estrelas e o violento perfume dos jasmims-bogaris. (...) Foi difícil encontrar, naquela cidade abandonada, a minha cidade." (página 217).

(Atente para a comparação que faz entre a Belém colonial e a Belém de 1945).

Considerando as crônicas em conjunto percebemos que comunicam, relatam ou descrevem, intencionalmente, a visão de Eneida em relação às impressões de Belém e que marcaram a sua infância.

* Helenice Nazaré da Cunha Silva é especialista em Literatura Brasileira e professora da Escola Tenente Rêgo Barros.